



Um olhar fenomenológico-hermenêutico sobre a invisibilidade do suicídio na população LGBTQIAPN+

A phenomenological-hermeneutical look at the invisibility of suicide in the LGBTQIAPN+ population

Una mirada fenomenológico-hermenéutica a la invisibilidad del suicidio en la población LGBTQIAPN+

Maria Vanessa Morais da Silva  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Ana Karina Silva Azevedo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO

Este artigo teórico tem como objetivo apresentar uma reflexão sobre o fenômeno do suicídio entre a população LGBTQIAPN+ inspirada na epistemologia fenomenológica. Pensamos aqui o suicídio a partir da teia de sentidos e significados que envolvem o existir de uma pessoa LGBTQIAPN+ e de seu querer morrer. Para isso, compreendemos que é impossível tematizar esses suicídios sem refletir sobre o horizonte histórico que se desvela no mundo ao qual habitamos. Assim, questionamos: como pessoas LGBTQIAPN+ tem habitado esse mundo? O que faz com que elas não queiram mais permanecer vivendo? Quais desdobramentos ético-políticos atravessam tais sofrimentos? Portanto, tecer compreensões sobre tal temática é compreendê-la a partir da constatação indissociável: somos seres-no-mundo; e as existências LGBTQIAPN+ habitam precariamente este mundo. A metodologia usada, para tecer compreensões sobre nosso objeto de estudo, é de uma discussão teórica-reflexiva a partir de alguns textos sobre suicídio da população LGBTQIAPN+, bem como determinados conceitos da fenomenologia-hermenêutica heideggeriana.

Palavras-chave: suicídio; LGBTQIAPN+; fenomenologia; Martin Heidegger.

ABSTRACT

This theoretical article aims to present a reflection on the phenomenon of suicide among the LGBTQIAPN+ population inspired by phenomenological epistemology. We think about suicide here from the web of meanings that surround the existence of an LGBTQIAPN+ person and their desire to die. To do this, we understand that it is impossible to discuss these suicides without reflecting on the historical horizon that is revealed in the world we inhabit. Like this, we ask: how have LGBTQIAPN+ people inhabited this world? What makes them no longer want to continue living? What ethical-political developments permeate such suffering? Therefore, understanding this topic means understanding it based on the inseparable observation: we are beings-in-the-world; and LGBTQIAPN+ existences precariously inhabit this world. The methodology used, to weave understandings about our object of study, it is a theoretical-reflective discussion based on some texts on suicide among the LGBTQIAPN+ population, as well as certain concepts of Heideggerian phenomenology-hermeneutics.

Keywords: suicide; LGBTQIAPN+; phenomenology; Martin Heidegger.

Resumen

Este artículo teórico tiene como objetivo presentar una reflexión sobre el fenómeno del suicidio entre la población LGBTQIAPN+ inspirada en la epistemología fenomenológica. Pensamos aquí el suicidio desde la red de significados que envuelven la existencia de una persona LGBTQIAPN+ y su deseo de morir. Para ello, entendemos que es imposible hablar de estos suicídios sin reflexionar sobre el horizonte histórico que se revela en el mundo que habitamos. Así, nos preguntamos: ¿cómo han habitado este mundo las personas LGBTQIAPN+? ¿Qué les hace ya no querer seguir viviendo? ¿Qué acontecimientos ético-políticos impregnan ese sufrimiento? Por tanto, entender este tema significa entenderlo a partir de la observación inseparable: somos seres-en-el-mundo; y las existencias LGBTQIAPN+ habitan precariamente este mundo. La metodología utilizada, para tejer entendimientos sobre nuestro objeto de estudio, es una discusión teórico-reflexiva a partir de algunos textos sobre el suicidio en la población LGBTQIAPN+, así como ciertos conceptos de la fenomenología-hermenéutica heideggeriana.

Palabras clave: suicidio; LGBTQIAPN+; fenomenología; Martin Heidegger.

Introdução

O suicídio é um fenômeno cada vez mais frequente na sociedade contemporânea e tem sido considerado um grande problema de saúde pública. Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) cerca de 800 mil pessoas morrem anualmente por suicídio no mundo e para cada suicídio, há um número bem maior de pessoas que tentam se suicidar.

As taxas de suicídio ao redor do mundo se diferenciam a partir de aspectos culturais, regionais e sociodemográficos, como também a forma que estas mortes são registradas. O suicídio apesar de seus números alarmantes é um fenômeno com uma baixa qualidade de notificação e pouco discutido. No Brasil, alguns pesquisadores, há mais de uma década, já mostravam que a subnotificação e a baixa qualidade das informações contidas nos certificados de óbito nos colocavam em alerta, pois esses fatores poderiam levar a subestimar o quantitativo de mortes por suicídio nas taxas de mortalidade que são relatadas (Lovisi et al., 2009).

Apesar de seus altos índices, o suicídio ainda é subnotificado e visto como tabu, sendo que para alguns grupos ele é um fenômeno também invisibilizado. Existem alguns grupos populacionais que a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2019) identifica como pessoas em situação de maior vulnerabilidade para o suicídio, nessa direção a população Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer/Questionando, Intersexo Assexuais/Agênero, Pan/Poli, Não-binárias e mais – LGBTQIAPN+ tem sido apontada com uma maior propensão a ideações e tentativas de suicídio do que seus pares heterossexuais. Segundo Barbosa e Medeiros (2018) esse fato é associado a diferentes fatores como o preconceito, discriminação, violência e estigma social que essas pessoas sofrem nas diferentes instituições sociais – educacionais, saúde, religiosas, familiar, dentre outras.

Sobre a utilização da sigla para aqui representar essa população, adotaremos LGBTQIAPN+ que é a terminologia mais atualizada no debate nacional e internacional sobre temas importantes e direitos da população. Todavia, sem que se encerre nela, pois uma sigla nunca será capaz de traduzir em sua totalidade o humano, como nos lembra Trzan-Ávila (2019) que a diversidade sexual humana não pode recair em particularidades identitárias fragmentadas, dada sua complexidade, seu constante movimento de transformação e ressignificações.

A sexualidade humana, assim como o suicídio, é um fenômeno complexo e multideterminado. A filósofa Judith Butler (2015), assinala que existe uma estrutura de práticas reguladoras que visam manter a naturalização da linearidade entre sexo, gênero e sexualidade, considerando “normal” tão somente a ideia do que é cisgênero, ou seja, o gênero em conformidade com o sexo biológico e a heterossexualidade. A autora aponta ainda sobre as correções de desvio dessa norma, que aparecem como castigos, ofensas verbais e exclusão social, além de violência física e homicídio, o que gera medo e sofrimento entre a população LGBTQIAPN+.

Para Barbosa e Medeiros (2018) a homofobia e suas várias causalidades em consonância com as estratégias de biopoder, nas quais um determinado grupo social ou identitário agride outro, na tentativa de controlar e regular comportamentos – por exemplo, de demonstração de afeto entre pessoas homoafetivas – justificando-se por extremas e distorcidas crenças religiosas, culturais e sociais contribui para a promoção de altos índices de homicídio e suicídio entre a população LGBTQIAPN+.

Os teóricos e estudiosos que tematizam o suicídio na perspectiva das psicologias humanista, fenomenológica e existencial concordam que esse é um fenômeno da existência humana e envolve aspectos singulares, sociais, culturais e históricos, de maneira que é impossível tentar compreendê-lo por meio de explicações que simplificam e reduzem a experiência humana (Cruz, Sales, Souza & Castelo Branco, 2020).

Talvez um dos pontos fundamentais da epistemologia fenomenológica é pensar toda forma de conhecimento como um modelo de relação do ser humano com a vida, nesse sentido a realidade não se

esgota numa única perspectiva, fechada e objetiva. Pensar, para Frota (2010) significa indagar, questionar, tentar compreender como o ser humano está e experiencia o mundo que habita. Logo, a preocupação aqui é tentar compreender os fenômenos humanos e suas realidades sociais a partir deles mesmos, e não de uma representação imutável.

O suicídio é um fenômeno humano complexo. Ele não anuncia só a morte, noticia também a vida, a existência, o ser-no-mundo. E que mundo é esse? Não é um lugar meramente geográfico, mas revela uma trama de sentidos e significados que despontam um horizonte histórico. Os possíveis motivos que podem levar alguém a cometer suicídio são construídos ao longo da história de vida de cada um e são revelados nos sentidos e modos de ser desvelados em sua existência. É um fenômeno que acontece independentemente da idade, classe social ou gênero. Que tem um significado de sofrimento e desespero, algo mobilizador que promove uma abertura de questionamento sobre o sentido da vida (Dutra, 2011).

Nesse sentido, o objetivo deste texto é refletir e problematizar teoricamente o fenômeno do suicídio presente entre a população LGBTQIAPN+ sob a ótica da fenomenologia hermenêutica heideggeriana. Posto isto, cabe aqui alguns questionamentos que podem nortear a construção dessa reflexão: o que suicídios na população LGBTQIAPN+ nos desvelam sobre o habitar no mundo? O que faz com que a população LGBTQIAPN+ não queira mais habitar esse mundo? Sob quais estruturas e sedimentações pessoas LGBTQIAPN+ existem? Quais desdobramentos ético-políticos promovem esses sofrimentos nesta população?

O artigo se propõe a realizar uma discussão teórica-reflexiva, a partir de alguns textos sobre suicídio da população LGBTQIAPN+, bem como outros que nos auxiliam na aproximação de determinados conceitos da fenomenologia-hermenêutica heideggeriana como ser-no-mundo, habitar, historicidade, ser-para-a-morte, que dão base para tematizarmos o ser humano e sua existência. Desta forma, não pretende-se desenvolver uma revisão sistemática de literatura, mas sim, um ensaio crítico e reflexivo sobre a temática aqui destacada.

Sobre o suicídio: tecendo compreensões à luz da fenomenologia hermenêutica

O que é o suicídio? Talvez todos concordem com seu conceito, que é o ato de causar a própria morte de forma intencional. De acordo com Azevêdo (2020) ao estudar a história do suicídio é possível perceber que as discussões sobre esse fenômeno possuem diferentes concepções e são recorrentes em diferentes períodos e sociedades, e elas estão intimamente interligadas à cultura e à visão moral, o que produz inúmeras vozes e diversas explicações de ordem psicológica, sociológica, filosófica e/ou biológica a respeito do suicídio.

Na contemporaneidade é possível perceber que a problematização sobre o fenômeno do suicídio, na maioria das vezes, torna dicotômica a existência humana. Corroborando com esse pensamento, Rabelo (2019) aponta que é possível encontrar uma certa oscilação teórica, em que os autores que discorrem sobre o suicídio, ora direcionam o tema para questões individuais, que rotulam o suicídio em transtornos psiquiátricos, ora para questões estritamente sociais, executando uma separação entre homem e mundo. Refletindo sobre isso a autora escreve:

Uma vida humana nasce e se forma em meio a uma interação dinâmica de elementos que não é nunca definitiva ou determinada, de modo que se torna impossível separar onde começa e onde termina a influência de cada um dos elementos que poderiam conduzir ao ato do suicídio. Por isso é respeitoso e condizente com esse ato humano não o individualizar, nem socializá-lo a ponto de isolar uma variável como a causa determinista desse ato (p.31).

A reflexão da autora sinaliza para o cuidado de não fragmentar e dicotomizar a existência humana. Ora, dividir em partes a complexidade ontológica do humano na tentativa de compreender certos fenômenos, como o suicídio, não seria extirpar dele mesmo sua condição fundamental de uma totalidade de ser-humano? Não seria possível então um outro olhar para o “entre”, para os hífens?

Feijoo (2019) assinala: “a morte voluntária é um fenômeno que sempre esteve presente na existência humana e que envolve as determinações de uma época bem como a decisão daquele que pretende pôr fim à própria vida” (p.160). Para a autora, refletir o fenômeno do suicídio sob essa ótica requer que assumamos uma atitude fenomenológica, de outra forma, que adotemos uma postura não-natural, de modo a nos aproximar do fenômeno sem partir de posicionamentos prévios a respeito do suicídio como doença, patologia, sofrimento, desespero, controle. Afinal, conforme o pensa Azevedo e Dutra (2020), a existência humana transcende qualquer esforço para sua mensuração e objetificação. Sendo assim, como destacam as referidas autoras, ao estudar o suicídio não devemos buscar explicar os atos sobre querer morrer, mas sim, compreendê-los sem estabelecer uma relação de causalidade.

Para Silva (2018) em relação ao suicídio é preciso compreender suas determinações presentes em nosso tempo, quais os sentidos constituídos historicamente e de que maneira se articulam com o horizonte de sentidos que é próprio ao homem. Segundo o autor os discursos mais comuns a respeito do suicídio são: o direito à vida, em que ela é tomada como bem supremo e algo que não se pode renunciar, logo a vida é um dever, uma dádiva divina, em que o suicídio é encarado como pecado; como uma noção de produtividade e eficiência, em que é preciso viver para produzir; ou ainda muito comumente como uma visão biologista da vida, sendo o suicídio relacionado com a desrazão e transtornos mentais.

Refletindo um pouco sobre o que Silva (2018) aponta a respeito do suicídio, é possível perceber que esse fenômeno é permeado por muitos sentidos e que as formas de o conceber se articulam historicamente e temporalmente. Precisamos lembrar que vivemos em uma sociedade e um momento histórico específico. Habitamos uma contemporaneidade e modernidade, marcadas pelas tecnologias e relações de poder, existimos em uma sociedade capitalista, ocidental, patriarcal, judaico-cristã, conservadora e heteronormativa.

Nessa direção, Magliano (2018) reflete que em se tratando do suicídio não podemos compreendê-lo por uma perspectiva exclusivamente científico-natural, nem por um raciocínio determinístico-causal, e que não se pode deixar de considerar que em toda ação humana existe a presença de um universo de valores e significados determinados historicamente. Para esse autor uma análise sobre o suicídio em uma perspectiva fenomenológico-hermenêutica é renunciar a razão determinística e à ideia de fragmentação, assumindo uma atitude crítica em relação as discussões sobre suicídio, rearticulando-o ao horizonte mais amplo de sua manifestação, sem deixar escapar o sentido da experiência humana.

O entendimento do entrelaçamento entre ser humano e mundo no que se refere ao fenômeno do suicídio deve ser investigado como uma experiência humana e cultural, pois emerge não só de aspectos singulares, mas também políticos e sociais. Para Dutra (2018) é preciso refletir criticamente a respeito do sofrimento existencial na contemporaneidade e como as pessoas constroem suas relações de sentido, tendo em vista que as condições econômicas, históricas, sociais e culturais participam do processo de construção de quem nós somos e também das expressões do sofrimento humano.

O suicídio é um fenômeno bastante presente na vida humana, ele representa um ato extremo contra a própria vida e simboliza a comunicação de um sofrimento vivenciado como insuportável por aquele que o pratica. A não possibilidade de lidar com esse sofrimento pode colocar o homem diante sua finitude, diante da própria morte como a extinção de uma dor existencial (Azevedo, 2013).

Pensando sobre isso, muitas vezes é difícil e insuportável lidar com o sofrimento ao qual estamos imersos e o suicídio pode aparecer como uma saída para lidar com essa dor. Dutra (2011) nos lembra que a vida que se vive revela a possibilidade de morte e enfrentar a realidade que se tem, muitas vezes é tão frustrante, que em muitos prevalece a intolerância à dor, conduzindo-os, frequentemente, a escolher a morte.

Entretanto, desejar ou escolher morrer e pôr fim à própria vida pode ser considerado como ato de fraqueza, pecado contra Deus e crime contra a vida. Lessa (2018) lembra que o suicídio foi transfigurado como um tabu, que deve ser exterminado da vida social, pois tem uma conotação de estigma moral e comportamento desviante, e é sobretudo antagônico à ideia de saúde e qualidade de vida tão disseminada na atualidade.

Na cultura ocidental a morte tem sido considerada um tema velado, tabu e sempre adiado, seja pela medicina, seja pela nossa cotidianidade que nos traz a sensação de que a morte faz parte da nossa finitude, mas não nos apropriamos dela como parte da existência. E embora a morte seja considerada a única certeza da existência humana, o suicídio sempre evoca nas pessoas uma questão inquietante: a quem pertence a vida e a morte? Posso escolher morrer? (Azevedo & Dutra, 2020).

O suicídio é rodeado por preconceitos e considerado como um ato que fere valores sociais e religiosos. Até pouco tempo, era um tema pouco divulgado pela mídia, pois se acreditava que sua publicidade influenciaria na ocorrência de novos casos. Entretanto, não há, por parte das organizações de saúde, nenhuma proibição quanto à discussão sobre a temática do suicídio na mídia, desde que feita com responsabilidade e ética, sem espetacularização dos atos em si. Além de diversas campanhas reforçando a importância de se falar sobre o tema e a “valorização da vida” (Carvalho & Deusdedit Júnior, 2017).

Parece, muitas vezes, que o suicídio é da ordem do inominável. Isso faz sentido numa sociedade contemporânea, na qual o sofrimento não encontra lugar para habitar em meio ao excesso de positividade. Han (2017) comenta que a sociedade pós-moderna do desempenho reduz a todos nós como vida desnuda e sagrada, aquela vida que precisa ser mantida a qualquer preço, transformando os humanos em mortos-vivos que precisam reagir de maneira hiperativa e acelerada ao trabalho e à produção. Nessa sociedade não há tempo nem lugar para o sofrimento, existe uma carência de ser e uma liberdade ilusória que faz o homem escravo de si mesmo. Assim, o suicídio desafia a ordem, contraria a lei cristã e a lógica capitalista que não aceita o sofrimento.

Para Dutra (2018) a sociedade contemporânea que é denominada pelo sociólogo Zygmunt Bauman como sociedade líquida se aproxima do que o filósofo Martin Heidegger (1927/2015) nomeia como a era da técnica. Uma sociedade na qual impera o imediatismo, a pressa, a eficiência e o consumo. Muito embora seja a sociedade que favoreça o avanço da medicina e a cura de várias doenças é também a que produz outras, como a violência, a síndrome do pânico, a depressão, assim como o fenômeno do suicídio.

Segundo Critelli (1996) do ponto de vista ontológico o ser humano habita um mundo que é inóspito, que não consegue abrigá-lo e acolhê-lo da mesma maneira que faz com as coisas naturais, e mesmo sendo criado artificialmente não oferece às pessoas garantias de fixação. Indaga-se se a impossibilidade de habitar, de ser si mesmo sobre a terra não produziria aos viventes um sentimento de desalojamento existencial? Uma disposição afetiva ao desamparo? Para aquele que tenta suicídio, a morte pode aparecer como possibilidade real e imediata de acabar uma dor? O suicídio seria pôr fim à falta de sentido que pode ser viver?

Nessa direção, Dutra (2018) nos faz refletir que é preciso meditar sobre o que vem atormentando as pessoas dessa época, um tempo histórico no qual o suicídio pode ser refletido como uma manifestação de desassossego humano, uma tormenta que tem feito com que muitas pessoas pensem e queiram tirar suas vidas, em um mundo que proporciona a perda de sentidos e o vazio existencial. Um mundo que produz experiências de inospitalidade e desenraizamento, um não habitar, uma vivência em que o mundo e a existência não exprimem pertencimento.

Estamos imersos em uma contemporaneidade que aponta para o desamparo humano, um habitar que surge mediante diversas crises de caráter social, político, tecnológico, econômico, sanitário e humanitário. Logo, não é possível nos descolarmos desse nosso horizonte histórico para tematizar o fenômeno do suicídio. Não é possível enquadrá-lo em uma única abordagem ou um único modo de pensá-lo, uma vez que se trata de um fenômeno que permeia questões complexas da própria existência.

Quando se trata do suicídio, a compreensão deste fenômeno requer uma atenção e disposição que vão além das concepções prévias. A fenomenologia existencial hermenêutica busca compreender a existência humana em sua totalidade, seja por meio da singularidade de cada fenômeno, das possibilidades existenciais do ser humano, da liberdade de escolha de cada um frente a essas possibilidades, ou ainda, na busca de cada ser humano pelo sentido de sua existência. (Carvalho & Deusdedit Júnior, 2017).

O suicídio não é visto só na perspectiva de se questionar o sentido da vida, é possível perceber as várias faces de como esse fenômeno é visto ao longo do tempo e da história, seja como pecado, crime ou patologia. A fenomenologia hermenêutica se mostra como uma possibilidade de olhar para o fenômeno do suicídio diferente das abordagens metafísicas tradicionais. O que se está em indagação é o fenômeno que se apresenta e o modo como ele é visto, se posicionando livre de pressupostos que se antecipam à sua aparição, dizendo não aos aspectos moralizantes e acolhendo o que se manifesta (Dutra, 2018).

Pensar o fenômeno do suicídio sob uma ótica fenomenológica hermenêutica é também compreender que embora os números alarmantes e as estatísticas crescentes nos auxiliarem a visualizar o fenômeno do suicídio, é preciso ter o cuidado de não estabelecer relações de causalidade entre os fatos, correndo o risco de chegar a conclusões equivocadas. Azevedo (2013) nos lembra que para não cairmos nessa lógica, devemos tentar compreender cada caso como uma experiência singular e única, que só pode ser entendida a partir da história de vida, do contexto de mundo e aspectos culturais aos quais se está inserido.

Algumas reflexões sobre o fenômeno do suicídio e a população LGBTQIAPN+

Onde encontramos o suicídio da população LGBTQIAPN+? Essa é uma pergunta que geralmente fazemos quando se vai em busca dos dados estatísticos, por exemplo. Os dados sobre os suicídios e as tentativas de suicídio da população LGBTQIAPN+ não “aparecem” oficialmente no Brasil. É preciso um esforço de ongs, como o Grupo Gay da Bahia, e da sociedade civil para criar informações nessa direção. Entretanto, nos deparamos na realidade do nosso cotidiano com as notícias frequentes de assassinatos e suicídios desta população, de acordo com Oliveira e Mott (2020). E então nos questionamos: que invisibilidade é essa que não tem lugar e expressividade nas estatísticas oficiais?

É possível pensar o fenômeno do suicídio presente entre a população LGBTQIAPN+ sob um olhar fenomenológico-hermenêutico, entendendo que alguém que se reconhece como não-heteronormativa experiencia a vida de uma outra forma, fora das normas e dos padrões historicamente construídos, sobretudo com um outro olhar sobre o mundo e sua existência. É possível aqui tematizar o que a literatura já tem a nos dizer sobre essa questão, e assim iluminar as nossas reflexões sobre os sentidos que se entrelaçam numa tentativa ou suicídio para alguém que se reconhece parte da população LGBTQIAPN+.

O suicídio na população LGBTQIAPN+ brasileira, é um fenômeno invisibilizado que revela um tabu social, de gênero e sexual. Entendemos também que é um fenômeno invisível entre essa população, porque ela também o é. Ora, por que olhar para uma realidade que se quer exterminar?

A escassez de trabalhos sobre o suicídio na comunidade LGBTQIAPN+ é evidente nos estudos sobre suicidologia. Apesar da visibilidade do tema e da preocupação crescente de pesquisadores com o segmento, os estudos hegemônicos sobre a temática do suicídio ainda estão apoiados em controvérsias na explicação do fenômeno do suicídio. Talvez, a mais problemática seja aquela que correlaciona 90% dos casos de suicídio a transtornos psiquiátricos, tais como depressão, transtornos do impulso e psicoses (Araújo, 2019).

Para Araújo (2019) as pessoas tratam o suicídio como se fosse uma doença, reduzindo os problemas da existência humana em problemas médicos e intrapsíquicos, que por sua vez geram uma medicalização da vida. Para que se possa entender esse fenômeno é preciso olhar para um todo, que se manifesta de maneira singular, mas que carrega uma dimensão universal, histórica e política. O suicídio seria um sofrimento

ético-político que aparece à medida que estabelecemos relações com o mundo, o qual é atravessado estruturalmente por relações de poder e opressão arraigadas na sociedade. Nessa direção é importante lembrar que o sofrimento da população LGBTQIAPN+ é carregado de uma história de violências específicas destinadas a um modo de ser que se desvia de uma norma padrão construída socialmente.

Trzan-Ávila (2020) menciona: “Ignorar o racismo, a lgbtfofia, a misoginia no Brasil é apoiar indiretamente as estruturas de violência e opressão contra as existências de pretas(os), da população lgbtqia+ e de mulheres, além de reforçar o universal absoluto encarnado no homem branco cisheterossexual” (p. 91). Para o autor é preciso então retomar um compromisso com os fenômenos e não com os autores e seus escritos, pois o fundamento primeiro da fenomenologia é deixar que o fenômeno se mostre por ele mesmo, sem que haja máscaras fenomenológicas.

Pensando sobre isso, é preciso reconhecer o quanto os sofrimentos produzidos cotidianamente são provenientes dos preconceitos de nossa tradição colonizada, numa realidade brasileira fortemente marcada pelo racismo, misoginia, patriarcalismo, lgbtfofia, bem como outras violências identitárias. Reconhecer também que existem lugares que vinham sendo esquecidos nas discussões fenomenológicas e que precisam aparecer. Desvelando a historicidade que escreve nossos modos de compreender a realidade. (Trzan-Ávila, 2019)

A morte da população LGBTQIAPN+ se traduz em prática real e simbólica, que marcam os limites de possibilidades de expressão dessas identidades. As não-heterossexualidades assumem um papel de estrangeirice, de uma diferença identitária. Quem são esses outros? Estranhos, anormais e diferentes – os homossexuais – que se busca curar e evitar? Não são relações distantes, não são mortes distantes, ao contrário disso, estão na maioria das vezes presentes numa lógica de silenciamento, num processo de normalização da sociedade que se estruturam sob mecanismos de construção que revelam contextos sociais e institucionais que buscam entender, capturar, explicitar e dominar as diferenças (Ferrari & Seffner, 2009).

Segundo Oliveira e Mott (2020) vivemos no país onde mais e mata pessoas LGBTQIAPN+ no mundo. Por que matamos a população LGBTQIAPN+? Quem determina o que é anormal, doente, estranho? A partir da construção dessas definições, como lidamos com as diferenças e com os diferentes? Parece que esses questionamentos que tanto nos inquietam recaem em uma dimensão ética, a dimensão da humanidade, da possibilidade ou impossibilidade de se realizar enquanto ser humano consigo e com seu mundo.

Caldeira (2019) nos lembra a respeito da ética numa perspectiva fenomenológica heideggeriana, do grego *ethos*, que significa lugar de morada, espaço aberto que habita o homem. Pensando na abertura como a relação do homem/mulher com o mundo e com o outro, a autora vai dizer:

Na atualidade, pensar a respeito da ética é possível diante da condição em que vivemos, em que as possibilidades de existir estão sob a ameaça de serem naturalizadas. Isto não quer dizer que antes não existia ética ou que pela primeira vez está sendo tematizada, pelo contrário, quer dizer que se faz necessário falar e atualizar ética, a fim de ampliar a condição de abertura existencial de ser-no-mundo-com-os-outros (p. 100).

Como habito e me posiciono neste mundo? Qual minha relação com a alteridade? É preciso colocar em questão não apenas os fundamentos do agir ético, mas a possibilidade e o sentido da própria ética enquanto tal. A existência não é sozinha, somos fundamentalmente ser-com-os-outros. A existência também depende de um reconhecimento e uma legitimação para que não se desumanize as pessoas. À medida que se desumaniza, desabitamos a ética e as possibilidades de existir são cerceadas não apenas pela vontade e o desejo, mas pela própria condição de existir.

É possível exigir potência de vida de alguém que está anulado no seu modo de habitar o mundo? Pensando sobre isso, não quero dizer que o suicídio é meramente um resultado direto do preconceito e violência sofridos pela população LGBTQIAPN+, tendo em vista que nem todos sofrem pela sua sexualidade. Por outro lado, o suicídio não é oriundo de uma falta de adaptação das pessoas LGBTQIAPN+ à sociedade tradicional. Entretanto, é preciso fazer ver as estruturas sob as quais existimos e questionar seus

desdobramentos ético-políticos que promovem sofrimentos. Nagafuchi (2018) vai pensar sobre isso quando comenta:

Embora uma análise da biopolítica sobre o gênero e a sexualidade tenha uma potência heurística para compreender o sofrimento das pessoas LGBTQIA+, não há um caminho evidente que liga o suicídio a tal grupo de pessoas, isso porque o suicídio é um fenômeno complexo de ordem multifatorial, quase sempre impossível de se apontar uma causa específica. O fenômeno do suicídio é como um fractal, por mais perto ou mais longe que se olhe o fenômeno, a imagem final é sempre a mesma. Contudo, é possível incluir o suicídio como uma categoria de análise dos sofrimentos sociais a partir do momento em que o consideramos como evento social e cultural: o suicídio é um ato comunicativo que diz muito sobre a sociedade em que vivemos (p.111).

Nagafuchi (2018) realizou também uma pesquisa sobre ideação e tentativa de suicídio entre a população LGBTQIAPN+, aplicando um questionário on-line na faixa etária de 20 a 39 anos, onde 1.139 pessoas participaram respondendo ao questionário. Os dados da pesquisa indicam que pessoas LGBTQIAPN+ têm uma maior probabilidade de pensar ou terem pensado em suicídio e de terem feito uma ou mais tentativas de tirar a própria vida, com um aumento do número de tentativas recorrentes para as pessoas que se declaram com identidades de gênero trans.

De acordo com o pesquisador, muitas das pessoas que responderam ao questionário entendem que o que teria impulsionado a tentativa de suicídio não foi exatamente a orientação afetivo-sexual, mas, sim, a forma como ela é lida socialmente e desautorizada pelas normas sociais que regem a sexualidade. “Alguns dizem lidar bem com o fato de serem homossexuais, mas encontram resistência para uma existência plena, na qual suas experiências sejam reconhecidas de alguma forma como experiência humana” (Nagafuchi, 2018, p.115).

Para esse autor, mais do que um mal a ser combatido a todo custo, como prega a medicina, o suicídio é um caminho para o qual podemos olhar também para as relações em sociedade, para as expressões de singularidades, para a diversidade e as diferenças. Olhar o suicídio por uma ótica que não tenha como solução única a medicalização e as internações compulsórias das pessoas, é fundamental para pensar a prevenção, as pesquisas, a produção de conhecimento e, principalmente o mundo que habitamos.

Para Dutra (2011), os modos de ser do homem devem ser considerados ao se pensar nas questões existenciais que envolvem o suicídio, pois é na condição de ser-no-mundo que se dá a existência e as escolhas. Nessa direção, entendemos que a nossa existência é permeada por direções, escolhas e caminhos, sobretudo por nossa conjuntura e horizonte histórico. E em nosso habitar não poder se realizar enquanto nossa maneira mais autêntica de ser pode conduzir a uma existência marcada pelo malograr-se, de não poder-ser, desvelando, então, o vazio existencial e a falta de sentido para a vida.

Obviamente é preciso ter o cuidado para não cair em relações causais de explicações sobre o fenômeno do suicídio, sejam elas biológicas, psicológicas ou sociais. Entretanto, não podemos deixar de considerar o nosso próprio habitar no mundo, nosso horizonte histórico. Não estamos inseridos em qualquer sociedade! Existem estruturas ético-político-sociais que nos compõem enquanto ser-no-mundo que somos. E o fenômeno do suicídio está presente nessa mesma sociedade. Nesse sentido, cabem algumas reflexões: o suicídio da população LGBTQIAPN+ poderia ser a expressão de um sofrimento ético-político? Sinalizaria para um desalojamento existencial? Ressoaria como um habitar destituindo a possibilidade de ser quem se é nesse mundo?

Ora, quando nascemos somos lançados e nos encontramos em mundo dotado de muitas características prévias: cultura, sistema político e financeiro, crenças, regras e valores. Nós não escolhemos esse mundo! Vivemos e estamos inseridos em uma determinada época histórica, na qual existem estruturas sociais e modos de pensar já estabelecidos. Isso também não foi escolha nossa! Isso é o que o filósofo Martin Heidegger vai chamar de facticidade (Azevêdo, 2020).

Nesta direção, cabe refletir sobre essa facticidade do ser-aí na contemporaneidade, o acontecer da experiência humana neste mundo. Em quais condições existenciais e fáticas encontram-se as pessoas LGBTQIAPN+ que tentam suicídio? Como é experienciar o mundo para uma pessoa LGBTQIAPN+? Um mundo onde o habitar é cerne da existência humana e um entrelaçamento vivo entre passado, presente e futuro. Quais os afetos que abrem o ser-aí da população LGBTQIAPN+? Num mundo contemporâneo que também se estruturou e se apropriou dos aspectos históricos de violência, opressão e invisibilidade perante essa população.

Esse mundo pulsa em cada ser humano, não como uma mera lembrança ou rememoração, não como um reter de fatos. Sobre isso Heidegger (1987/2017) diz:

A lembrança do acontecido como o que ainda se essência e como ainda determinante do presente e do futuro, isso não é um mero reter. [...] Desse modo o homem é histórico, quer as pessoas se deem conta ou não, tudo é confrontação com a história, com o acontecido (p. 217).

Com isso Heidegger (1987/2017) quer dizer que o ser humano é mundo e está nesse mundo, mas não apenas. Ele também se relaciona com o mundo indissociavelmente, temporalmente e historicamente. E sua existência se desvela num modo de ser pelo qual o exercício de compreender a si mesmo é concretizado a partir do entrelaçamento com os outros homens, coisas e conceitos que lhe circundam.

O que é o habitar? O que nos abriga no mundo? Segundo Barbosa (2020) o habitar não acontece sobre uma construção previamente edificada, como alguém que mora em uma casa depois que ela foi construída. Em se tratando da existência, a construção acontece à medida que o próprio habitar do homem se faz sobre a terra. Heidegger (1954/2001, p. 127) vai dizer: “o homem é à medida que habita”. Ou seja, a experiência do próprio habitar constitui o ser-aí e é uma de suas marcas ontológicas.

Desse modo, o habitar não se prende ao fato de ter uma residência, uma casa. O habitar abarca todas as maneiras pelas quais o homem constrói o mundo onde vive. Para um motorista, por exemplo, é na estrada que ele pode se sentir em casa. Para alguém LGBTQIAPN+ a moradia com a família pode não ser um lar, mas o sair dessa casa pode ser um habitar. Esse sentir-se ou não sentir-se em casa nos remete à ideia de desvelamento dos sentidos de ser, de abrigo e desabrigo, de acolhida e desamparo.

Tendo percorrido reflexões acerca desta temática, pensamos sobre os desamparos de existências LGBTQIAPN+, nos questionamos sobre o que os casos de suicídio nessa população nos permitem pensar, nos convocando à compreensão sobre a dificuldade de permanecer neste mundo. Mundo este que aloja o nosso existir, que nos familiariza e enraíza, mas que nos enlaça em tramas de sentidos a partir de compreensões já sedimentadas. O que dizer de existências cujas compreensões sedimentadas, por vezes, anunciam um não-lugar, cujos corpos são tematizados, visibilizados, agredidos? O suicídio na população LGBTQIAPN+, sua invisibilidade estatística, desvelam sofrimentos de um mundo que desabriga existências, corpos, afetos e que tem anunciado o quão ameaçador e inóspito o mundo pode ser para aqueles e aquelas que anunciam seu ser-como-pessoa- LGBTQIAPN+. Estaremos nós conseguindo ouvir estes sofrimentos? Estaremos nós conseguindo ouvir o apelo daqueles que são marcados para morrer e que anunciam a sua possibilidade de não mais viver?

Considerações finais

Um dos grandes desafios que lidamos ao nos propormos a pensar o suicídio entre a população LGBTQIAPN+ sob a ótica da fenomenologia hermenêutica e existencial é de trilhar um caminho que não culminasse em manuais e verbetes psicopatológicos, os quais geralmente diagnosticam as pessoas dessa comunidade e dizem como elas devem ser, ou ainda, tomasse o caminho da indiferença ao habitar contemporâneo e o horizonte histórico de uma época.

Ao passo que não podemos olhar para as características aprioristas em relação ao fenômeno do

suicídio, é impossível tentar compreendê-lo sem que se olhe para a relação indissociável: ser-no-mundo. É impossível tematizar o suicídio sem pensar o horizonte histórico que se desvela, a atmosfera afetiva que nos envolve e como experienciamos esse habitar. É impossível tecer compreensões sobre o suicídio presente entre a população LGBTQIAPN+ e não olhar para as características de abertura de mundo que cerceiam essas pessoas. E mais uma vez perguntamos: por que pessoas LGBTQIAPN+ querem não mais viver nesse mundo?

Viver, habitar, é correr o risco de se lançar na correnteza, sem saber o que se espera, uma vez que deixar-se apropriar pelo ser é deixar-se entrelaçar com o indeterminado. “No aberto da clareira do Ser há sempre algo que se abre como fechamento e, portanto, por maior que seja a capacidade da ciência de desencantar o mundo, sempre há uma dimensão da existência que cresce em meio à obscuridade” (Barbosa, 2020, p. 122). O homem habita essa inescapável condição de estrangeiridade ontológica, um mundo desalojador e precário. “O não sentir-se em casa deve ser compreendido, existencial e ontologicamente, como o fenômeno mais originário” (Heidegger, 1927/2015, p. 256).

Entretanto, há vidas que habitam o mundo e uma história de maneira ainda mais precária que o mundo originário desvela. A experiência das sexualidades que destoam da norma vigente é uma travessia ontologicamente na precariedade. São sexualidades que destoam do familiar, são estrangeiras. Nesse lugar questiona-se os essencialismos a priori, a essência como nos foi apresentada: como algo dado. Logo, ser LGBTQIAPN+ é desafiar com a própria existência o que foi posto como normal, é colocar em xeque o discurso conservador que diz o que pode e o que não pode existir, que sanciona quem pode e quem não pode habitar esse mundo.

Pensar o suicídio nesta perspectiva é não partir de definições biologizantes, religiosas ou moralizantes, nem tampouco uma causa específica para tal acontecimento, é sobretudo, compreender que não existe uma relação de causa-efeito atrelada a este fenômeno, mas refletir sobre a teia de sentidos e significados que envolvem uma pessoa querer pôr fim à sua vida, escolher não mais estar neste mundo. Discutir sobre o suicídio na população LGBTQIAPN+ é convocar a um outro ethos, aquele que nos permite tematizar nossos modos de ser e habitar o mundo.

Referências

- Araújo, T. B. (2019). Suicídio LGBTQIA+: do sofrimento ético-político às políticas públicas de prevenção. *Revista Brasileira de Políticas Públicas LGBTI+*, 1(1), 323-345. Recuperado de <https://revista.todxs.org/wp-content/uploads/2019/08/16-Suic%C3%ADdio-LGBTQIA.pdf>
- Azevedo, A. K. S. (2013). *Não há você sem mim: histórias de mulheres sobrevivente de uma tentativa de homicídio* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de: <https://repositorio.ufrn.br/jspui/handle/123456789/17399>
- Azevedo, A., & Dutra, E. (2020). Suicídio em tempos de covid-19: possibilidades de compreensão à luz da ontologia heideggeriana. *Estudos De Psicologia*, 25 (4), 460-469. doi: 10.22491/1678-4669.20200045
- Azevedo, I. F. M. (2020). *A tentativa de suicídio e o Seridó potiguar: um estudo à luz da fenomenologia hermenêutica heideggeriana* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/31483>
- Barbosa, B., & Medeiros, R. (2018). Direito, saúde e suicídio: Impactos das leis e decisões judiciais na saúde dos jovens LGBT. *Revista Brasileira De Políticas Públicas*, 8(3). doi: 10.5102/rbpp.v8i3.5720
- Barbosa, C. (2020). *Habitar o Inóspito: a condição humana de desabrigo a partir de Martin Heidegger e Sigmund Freud* (Doutorado). Universidade Estadual Paulista - Júlio de Mesquita Filho. Recuperado de: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/192685#:~:text=Esta%20pesquisa%2C%20de%20natureza%20te%C3%B3rica,d denominamos%20como%20condi%C3%A7%C3%A3o%20de%20desabrigo.>

- Butler, J. (2015). *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. (8 ed.) Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Caldeira, D. G. S. (2019). *A questão da ética na psicoterapia: contribuições da Fenomenologia Hermenêutica de Martin Heidegger* (Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal). Recuperado de <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/27358>
- Critelli, D. (1996). *Analítica do Sentido: uma aproximação e interpretação do real de orientação fenomenológica*. São Paulo: EDUC: Editora Brasiliense.
- Cruz, C., Sales, D., Souza, L., & Castelo Branco, P. (2020). O Suicídio na Perspectiva das Psicologia Humanista, Fenomenológica e Existencial: Revisão Sistemática e Metassíntese. *Contextos Clínicos*, 13(1), 293-315. doi: <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.14>
- Dutra, E. (2011). Pensando o suicídio sob a ótica fenomenológica hermenêutica: algumas considerações. *Revista da Abordagem Gestáltica*, XVII (2), 152-157. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rag/v17n2/v17n2a06.pdf>
- Dutra, E. (2018). Suicídio e Desassossego: pensamentos sobre morte voluntária em tempos de técnicas. In E. Dutra (Org.) *O desassossego humano na contemporaneidade* (pp. 46- 76). Rio de Janeiro: Via Verita.
- Carvalho, F., & Deusdedit Júnior, M. (2017). Breves considerações sobre sentido da vida e suicídio: reflexões à luz da psicologia fenomenológica-existencial. *Revista Criminalística E Medicina Legal*, 2(1), 20-26. Recuperado de <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/acolha-a-vida/bibliografia/sentidodavidaesuicidio.pdf>
- Feijoo, A. M. L. C. (2019). Suicídio: uma compreensão sob a ótica da psicologia existencial. *Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia [online]*, 71(1), 158-173. Doi:10.36482/1809-5267.ARB2019v71i1p.158-173.
- Ferrari, A., & Seffner, F. (2009). “A morte e a morte” ... dos homossexuais. *Revista Gênero*, 10 (1), 189-2017. Recuperado de <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/30895>
- Frota, A. M. M. C. (2010). O rigor na pesquisa fenomenológica com orientação heideggeriana. *Anais do IV Seminário Internacional de Pesquisa e Estudos Qualitativos*, 1-8. Recuperado de <https://arquivo.sepq.org.br/IV-SIPEQ/Anais/artigos/11.pdf>
- Han, Byung-Chul. (2017). *Sociedade do Cansaço*. (2 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (1954/2001). Construir, habitar, pensar. In M. Heidegger, *Ensaio e conferências* (2ª ed.). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (1927/2015). *Ser e tempo* (10 ed.). Petrópolis: Vozes.
- Heidegger, M. (1987/2017). *Seminários de Zollikon: protocolos, diálogos, cartas* (3 ed.). São Paulo: Escuta.
- Lessa, M. B. (2018). Um estudo sobre a moralização do suicídio. In A. Feijoo (org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 105-144). Rio de Janeiro: IFEN.
- Lovisi, G., Santos, S., Legay, L., Abelha, L., & Valencia, E. (2009). Análise epidemiológica do suicídio no Brasil entre 1980 e 2006. *Rev. Bras. Psiquiatr.*, 31(Supl II), 86-93. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/rbp/v31s2/v31s2a07.pdf>
- Magliano, F. (2018). Considerações preliminares sobre a compreensão da finitude humana. In A. Feijoo (org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 17-37). Rio de Janeiro: IFEN.
- Nagafuchi, T. (2018). A urgência do debate sobre o suicídio das pessoas LGBTQIA +: experiência e subjetividade. *Revista Brasileira De Estudos da Homocultura*, 2 (1), 103-127. Recuperado de <https://revistas.unilab.edu.br/index.php/rebeh/article/view/229>
- Oliveira, J., & Mott, L. (2020). *Mortes Violentas de LGBT+ no Brasil – 2019*. Salvador: Grupo Gay da Bahia - GGB. Recuperado de: <https://grupogaydabahia.com.br/relatorios-anuais-de-morte-de-lgbti/>
- Rabelo, E. (2019). *A morte de si por escrito: análise fenomenológica de cartas e bilhetes deixados por pessoas que se mataram* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo). Recuperado de: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-22112019-114147/pt-br.php>

- Silva, V. (2018). Um projeto de uma outra compreensão acerca do suicídio. In A. Feijoo (Org.), *Suicídio: entre o morrer e o viver* (pp. 07-16). Rio de Janeiro: IFEN.
- Trzan-Ávila, A. (2019). *Identidade de gênero: Performatividade, ser-aí e subversões*. Rio de Janeiro: IFEN.
- Trzan-Ávila, A. (2020). Pele colonial, máscaras fenomenológicas: quando o fenomenólogo não vê o fenômeno. In *IV congresso luso brasileiro de práticas clínicas fenomenológico-existenciais [livro eletrônico]: das bases filosóficas às práticas e pesquisas em psicologia* (pp. 91-92). Rio de Janeiro: IFEN, UERJ. Recuperado de <https://www.ifen.com.br/pdfs/ANAIS%20IV%20CONGRESSO%202020.pdf>
- World Health Organization. (2019). *Suicide*. Genebra. Recuperado de: <https://www.who.int/news-room/fact-sheets/detail/suicide>

Recebido: 05/05/2023 | Revisado: 09/09/2023
Aceito: 15/09/2023 | Publicado: 15/10/2023